



Amizade e alteridade – reflexões sobre psicanálise e religião a partir da relação entre Freud e Pfister

Friendship and alterity - reflections on psychoanalysis and religion based on Freud and Pfister's relationship

Ana Paula Vedovato Marques de Oliveira

Daniel Kupermann

Universidade de São Paulo

Brasil

Resumo

O trabalho propõe uma reflexão sobre o lugar da alteridade e da dimensão do laço social articulados à expressão da subjetividade. Para tanto, partimos da análise da amizade entre Freud e o psicanalista e pastor Pfister que, ao longo de décadas, sustentaram uma relação de amizade significativa, sem renunciarem aos fundamentos e pressupostos que eram caros a cada um, preservando, dessa forma, suas diferenças nessa relação, tal como acompanharemos em alguns trechos das correspondências trocadas entre os autores. A alteridade é representada também pelo debate entre ciência e religião no diálogo entre os teóricos. Utilizamos alguns fundamentos da psicanálise freudiana para construir nossa reflexão, a saber, a onipotência, o lugar da alteridade, o laço social, a idealização, a ilusão e a direção do tratamento analítico. A abertura à alteridade, fundamento da clínica psicanalítica, parece fundamental para uma experiência subjetiva significativa que, nesse sentido, mantém estreita conexão com âmbito da coletividade.

Palavras-chave: alteridade; laço social; amizade; religião; psicanálise.

Abstract

This paper proposes a reflection on the place of alterity and the dimension of the social bond articulated with the expression of subjectivity. To do so, the starting point was the analysis of the friendship between Freud and the psychoanalyst and pastor Pfister, who, for decades, maintained a meaningful relationship, without renouncing the fundamentals and assumptions that were dear to each one, thus preserving their differences. In this relationship, as we will see in some excerpts of the correspondence exchanged between the authors, alterity is also represented by the debate between science and religion. Freudian psychoanalysis fundamentals were used to build this reflection, namely, omnipotence, the place of alterity, the social bond, the idealization, the illusion, and the direction of the analytical treatment. Openness to alterity, the foundation of psychoanalytic clinic, seems fundamental to a significant subjective experience that, in this sense, maintains a close connection with the scope of the collectivity.

Keywords: alterity; social bond; friendship; religion; psychoanalysis.



Freud, desde os primeiros momentos da constituição da psicanálise, nunca pensara sozinho. As trocas estabelecidas com seus pares - via correspondência, encontros ou reuniões - estavam presentes no percurso da edificação e do reconhecimento social do campo psicanalítico. Buscamos, nessa reflexão, abordar aspectos importantes para a teoria e a clínica psicanalíticas, a saber, o lugar da alteridade e a dimensão do laço social, a partir de uma reflexão engendrada pela relação de amizade cultivada por Freud e pelo pastor e psicanalista Pfister. Para tanto, apreciaremos o embate de suas ideias acerca das possíveis conexões e distanciamentos entre ciência e religião.

Freud e Pfister

Se pertencesse à cura psicanalítica o convencer os pacientes de que este mundo saqueado é o supremo conhecimento da verdade, eu compreenderia muito bem que as pobres pessoas prefeririam refugiar-se na clausura da sua doença do que se mudar para este horrível deserto de gelo (Freud e Pfister, 2009, p. 150).

Aqueles que estão mais familiarizados com a obra freudiana têm conhecimento das críticas que o autor empreende em torno do tema da religião. Freud tinha pouco apreço a campos de saber pouco científicos, por assim dizer. A religião parece ter sido um tema fundamental que incitou o autor a publicar suas reflexões sobre a relação do humano com alguns aspectos religiosos, sobretudo da religião cristã. Nesse sentido, Freud localiza a fé religiosa em um estágio infantil do desenvolvimento humano, a ser superado pelo avanço do campo científico (Freud, 1927). Há alguns preceitos fundamentais da religião que a psicanálise também compartilha, por exemplo, a importância dada, em ambos os campos, às relações de afeto entre os humanos; contudo aquelas reflexões não tangenciaram as afinidades entre os campos.

A vida de Freud e a própria estruturação da psicanálise foram marcadas por rupturas, por vezes irreparáveis, de relações com os pares. Chega a ser curioso que uma das amizades mais longas de que temos notícias da vida de Freud seja justamente com o amigo pastor e psicanalista Oskar Pfister. Com este amigo, a história foi diferente. Aparentemente distantes em suas crenças e valores sobre a vida terrestre e suas possíveis conexões com o universo, eles mantiveram, ao longo de trinta anos, uma sólida amizade. O alto apreço atribuído à união é enaltecido por ambos em diversas ocasiões, conforme acompanharemos nas correspondências trocadas ao longo desse período (Freud & Pfister, 2009).



Pfister acredita que o processo de cura do sofrimento psíquico – trabalho ao qual se dedicou arduamente impulsionado pelo contato com a obra freudiana – deve realizar-se afinado a uma filosofia da natureza humana que contemple também o cosmos, o que ultrapassa uma perspectiva estritamente naturalista e positivista (Freud & Pfister, 2009). Freud, por sua vez, estranha a ideia de transcendência da natureza humana (Freud, 1930/2010). Ele se embasa tecnicamente no empirismo do fenômeno transferencial que se manifesta no enquadre analítico para desenvolver seu pensamento teórico e clínico e, para tanto, abre mão de qualquer pressuposto religioso ou transcendente na sua reflexão sobre o humano (Freud, 1927/2006; Freud & Pfister, 2009).

Nesse sentido, Freud buscava estabelecer a psicanálise dentro dos limites de uma ciência positivista, diferentemente de Pfister, que buscava o diálogo entre a clínica e a teoria psicanalíticas e as áreas diversas do conhecimento humano, tais como a teologia e a filosofia (Morano, 2000/2008). As afinidades e as divergências se presentificam ao longo do diálogo mantido pelos pensadores.

Controvérsias, ponderações, discordâncias e os mútuos respeito e admiração criaram um espaço propício para o desenvolvimento desta amizade. Pfister tecia elogios à mente investigativa, apurada e sensível de Freud. Este enaltecia com júbilo as arriscadas investidas do religioso em suas extensas pesquisas, que expandiu a produção psicanalítica para outros campos do saber; na educação, por exemplo, ele inaugurou o atendimento de crianças, campo que batizou de “pedanálise”.

A presença de Pfister era requisitada de forma calorosa na casa da família Freud:

O fato de eu lhe escrever tantas coisas pessoais deve-se a que nenhuma visita, desde a de Jung, teve tanto impacto nas crianças e trouxe tanto bem-estar a mim mesmo. Eu o saúdo cordialmente e espero seguir ouvindo do senhor. (Freud & Pfister, 2009, p. 38, carta de Freud a Pfister de 1909).

Pfister passou a ocupar o lugar de um bom amigo para Freud. Foi um clérigo reconhecido e respeitado no meio psicanalítico. Suas etnias, culturas e religiões eram distintas, contudo a amizade entre eles era sincera, e até mesmo carinhosa (Morano, 2000/2008). Freud deixa claro o seu bem-estar e as expectativas quanto à produção teórica e à clínica do amigo. O pastor, à primeira vista estrangeiro a proposta do tratamento psicanalítico, era uma presença requisitada por Freud: uma figura apaziguadora, cheia de energia para amar e trabalhar.

Por mais que se distanciasse de sua visão de mundo, Pfister nunca deixou de reconhecer a inédita luz que Freud lançou sobre os fenômenos psíquicos, e tal reconhecimento, atrelado às diversas homenagens que lhe prestou ao longo e depois de sua vida, devem ter tido especial significação na manutenção da união, com suas respectivas diferenças preservadas.

Como já apontamos, é conhecido no meio psicanalítico que o círculo de amigos de Freud foi marcado por rupturas diversas e incontornáveis, sobretudo quando estavam em jogo pressupostos da psicanálise dos quais ele não abria mão (Kupermann, 2014/2020). Freud exigia para si o reconhecimento do lugar de inaugurador do saber psicanalítico e afirmava proteger o campo daquilo que considerava como desvio de seus pressupostos fundamentais, tal como acompanhamos no desenvolvimento da história do movimento psicanalítico (Freud, 1914/2006).

Tendo em vista essas características de Freud, questionamos como alguém poderia divergir dele de forma tão contundente, e ainda assim manter sua importância e consideração perante o criador da psicanálise.¹ Esta parece ser a posição de Pfister. A atenção e a perspicácia somadas à sua sensibilidade aos mundos externo e interno fizeram dele uma presença bem quista e garantiram a legitimidade de sua produção intelectual bem como a sua pertença ao círculo psicanalítico.

O pastor era uma espécie de espírito livre, ele se expressava de forma sincera, delicada e firme. Podemos acompanhar quando, por exemplo, ele é notificado por Freud de que receberá uma cópia de “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1927/2006), com o alerta de que será uma crítica à religião. Freud solicita compreensão e tolerância do pastor, ao que este lhe responde:

Eu a aguardo com alegre interesse. Um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis. Enfim, na música, filosofia e religião eu sigo por caminhos diferentes dos do senhor. Não poderia imaginar que uma declaração pública sua me pudesse melindrar; sempre achei que cada um deve dizer sua opinião honesta de modo claro e audível. O senhor sempre foi paciente comigo, e eu não o seria com o seu ateísmo? Certamente o senhor também não vai levar a mal se eu oportunamente expressar com franqueza minha posição divergente. Por enquanto fico na disposição de alegre aprendiz. (Freud & Pfister, 2009, p. 143, carta de Pfister a Freud de 1927).

¹ Outro amigo que mereceu tratamento semelhante por parte de Freud foi Sándor Ferenczi (Kupermann, 2019).



Pfister sustentava seus pensamentos de forma contundente e humilde, preservando assim seu lugar significativo no campo. O laço entre os autores assegurava o lugar da alteridade e da diferença, constituindo uma relação não atravessada pela submissão de um ao outro. Apesar de algumas provocações trocadas, nenhum dos pensadores buscou catequizar ou "ateizar" o outro. Suas diferenças foram mantidas e os caminhos de suas verdades os norteavam, ora mais próximos entre si, ora um tanto distantes.

Foram poucos os questionamentos do pastor em relação às descobertas psicanalíticas. Ele parece ter tido habilidade para harmonizar estraneidades com maestria; enaltecia os resultados encontrados a partir dessa nova perspectiva sobre o humano, e somava a isso o conhecimento adquirido em outros campos. Freud repelia o que acreditava ser uma busca de amparo em terras estranhas à perspectiva científica, e proclamava a autossuficiência deste campo para o progresso da civilização humana. Nesse clima de embates e comunhão, eles seguiram juntos até o final da vida de Freud. Após seu falecimento, o pastor envia uma carta à esposa de Freud prestando à família uma feliz homenagem, e escreve "mesmo que a malevolência da época atual prefira convidar o diabo da mentira para dançar, a ouvir as sinfonias da verdade, creio com o seu marido: A verdade segue em marcha" (Freud & Pfister, 2009, p. 191).

Parece que o apreço pela busca da verdade foi o ponto marcante da afinidade que lhes era peculiar, exigindo deles, para tanto, certa maleabilidade narcísica. Pois o que desuniria homens com objetivos em comum que não o efeito de suas defesas, que impedem a troca e o compartilhamento daquilo que é almejado por ambos? O encontro inevitável do neurótico com a castração lança-o na busca de construção de um sentido que ultrapasse a limitação de sua existência individual, percorrendo o caminho que vai desde a onipotência narcísica até o investimento no mundo externo, que inclui, necessariamente, a alteridade.

Compartilhar com o outro não parece ser uma competência qualquer; é a própria condição para a construção de uma experiência de eu e de sentido, desde o início da experiência humana. A direção de tratamento em psicanálise implica um enlaçamento transferencial com o outro para elaborar determinados conteúdos, de modo a minimizar o sofrimento gerado pelo encontro traumático com a alteridade. Podemos arriscar então a seguinte assertiva: a reverberação da relação analítica é a contribuição da prática clínica para o âmbito da coletividade, já que ela possibilita a minimização dos processos disruptivos e de sofrimento psíquico advindos do encontro com a alteridade.

O futuro e a ilusão



Uma ilustração que reflete a preservação do lugar da alteridade pelos autores é o debate gerado pela publicação, por Freud, de "O futuro de uma ilusão" (1927/2006), na qual o autor argumenta que o sentimento religioso é fruto do desamparo humano frente à força da natureza e às intempéries do destino, que escapam à capacidade volitiva do eu. Ele aposta que, através do avanço do método científico, a cultura poderá superar essa fase infantil do desenvolvimento, prescindindo da figura de um Pai todo poderoso que dá amparo e sustentação frente à imprevisibilidade inerente à vida (Freud, 1927/2006). Ao anunciar o conteúdo de sua publicação, Freud escreve a Pfister: "eu temia e ainda temo que uma declaração pública lhe seja constrangedora. O senhor me fará saber, então, que medida de compreensão e tolerância ainda consegue ter para com este herege incurável" (Freud & Pfister, 2009, p. 143).

Como vimos, o pastor responde com amabilidade, defendendo o direito à livre expressão do pensamento e, assim sendo, reservando-se também o direito a uma resposta. No ano seguinte, ele publica sua réplica intitulada "A ilusão de um futuro" (Pfister, 1928/2003), mantendo sua postura amigável, bem como sua devida admiração ao gênio investigativo de Freud, e posiciona-se - por vezes se opondo - em relação ao que considerou ser também uma ilusão da perspectiva freudiana.

Volto-me com toda determinação contra sua apreciação da religião. Faço-o com a modéstia conveniente ao inferior, mas também com o contentamento com que se defende uma causa santa e amada, e com o rigor da verdade, que foi fomentado por sua austera escola. (Pfister, 1928/2003, p. 19)

Essa passagem revela a postura fundamental de Pfister. Ele reserva o devido lugar de prestígio a Freud e usufrui do conhecimento inaugurado pela psicanálise, integrando-o a outros campos de saberes, prescindindo, assim, de seu professor. Não seria esse um dos achados psicanalíticos, ao abordar o humano substancialmente atravessado pelo desamparo? Apontar um caminho em que as normas demasiadamente fechadas e fixas tenham pouco ou nenhum valor, revelando que o sujeito moderno tem um modo próprio de lidar com as intempéries da existência, o seu modo singular de elaborar a castração? Seria o pastor um exemplo da autonomia buscada em um processo analítico? Alguém que se serve do que está dado, sem se submeter, revelando assim o comprometimento com aquilo que é caro à expressão de sua singularidade?

Pfister é um igual e um estrangeiro, que preza pela manutenção desse lugar. Ele não abre mão de uma perspectiva integracionista para se submeter a uma

única forma de apreensão do humano. A docilidade, atrelada à agudez de raciocínio, garantiram-lhe a possibilidade de seguir dialogando com Freud.

O psicanalista-pastor prossegue então combatendo altivamente o que ele considera incorreto na análise freudiana da religião, tal como a concepção de que as formações obsessivas lhe sejam inerentes, além da crítica à reflexão que trata a relação com o Pai a partir dos parâmetros da transferência. A ação de se render a uma religião, segundo ele,

Não acontece por força da demanda de um novo vínculo, mas graças à autoridade da liberdade conquistada por um amor vitorioso e pelo reconhecimento da verdade. Segundo os bons parâmetros psicanalíticos, Jesus venceu a neurose coletiva de seu povo introduzindo no centro da vida o amor que, na verdade, é moralmente purificado. Na sua concepção de pai, totalmente purificada das toxinas da ligação edípica, constatamos que foram totalmente vencidos a heteronomia e todo o constrangimento das amarras. O que se exige das pessoas não é outra coisa senão aquilo que corresponde à sua essência e sua vocação verdadeira, o que favorece o bem comum e – para também dar lugar ao ponto de vista biológico – uma saúde máxima do indivíduo e da coletividade.[...] Merece a admiração de todos os alunos de Freud o tratamento dado à transferência, que é acolhida como amor, mas conduzida para realizações ideais absolutas, como também a suspensão da fixação paterna gerada pela obsessão através da rendição ao Pai absoluto, que é amor. (Pfister, 1928/2003, pp. 23-24)

O Pai celestial, enaltecido pelo pastor e negado pelo criador da psicanálise, é apreendido pelo primeiro enquanto tradução do amor, que unifica os homens e preserva suas singularidades de acordo com as vocações particulares. Novamente, Pfister resgata o aspecto de não submissão a preceitos que tem o valor de lei pela lei, e atribui a isso um sentido que também é caro à psicanálise – o elo por ligações de amor que prescindem das amarras identificatórias e que impelem à abertura genuína à diferença. A liberação da capacidade de amar é, dessa forma, o imperativo fundamental da prática religiosa e analítica do autor (Morano, 2000/2008).

Uma organização social ideal, de acordo com essa perspectiva, seria aquela que leva em consideração as demandas e necessidades do coletivo, sem abrir mão ou anular, para tanto, as disposições individuais, o lugar para o exercício e a manifestação da subjetividade, afinada à manutenção da ordem civilizatória, configurando, assim, uma *existência ética* - o humano se compromete, concomitantemente, com si mesmo e o laço social, sustentado pela *pulsão de vida*, a tradução psicanalítica do amor.



Pfister provoca: “que analista não encontraria com frequências ateus, cuja descrença era uma camuflada eliminação do pai? ” (1928/2003, p. 27). Em contrapartida à perspectiva freudiana, o psicanalista-pastor afirma que o ateísmo também pode ser interpretado segundo as significações edípicas, que visam dar um destino ao complexo de castração ao eliminar a possibilidade da existência de um Pai onipotente. Esse debate deixa ao leitor uma sorte de argumentos que colocam em xeque as verdades previamente estabelecidas, de ambos os lados, dando lugar à verdade de pontos de vista singulares.

Pfister prossegue: “não se pode negar que a esta luta religiosa pela redenção corresponde um processo de *humanização*” (1928/2003, p. 25, grifo nosso). Render-se, portanto, ao amor transcendente, é conectar-se ao todo a partir das especificidades idiossincráticas, vocacionais, que lançam o sujeito no encontro com a sua humanidade, universal quanto à espécie, singular quanto à expressão subjetiva.

Napsicanálise podemos afirmar que há uma cura pelo amor, pela oferta da possibilidade de ressignificar núcleos de sofrimentos advindos da interação com as figuras fundamentais, atualizadas na relação com o/a analista. É a partir desse mesmo pressuposto que o autor resgata a figura de Jesus, que convoca ao amor puro e exige, para tanto, a superação das defesas narcísicas que impedem uma conexão verdadeira, uma vez que tais defesas engendram relações pautadas por fantasias de rejeição, com pouco espaço para manifestação autêntica do ser (Pfister, 1928/2003).

O pastor associa a figura de Jesus à uma função terapêutica, visto que este buscou libertar os justos da angústia, da culpa e do desamor; Jesus seria, então, uma autoridade que não busca submeter o outro, ao contrário, conserva a autonomia ética dos seres humanos (Morano, 2000/2008). Pfister enfatiza então o aspecto da humanização veiculado ao sentimento religioso, de um nascimento para si e para o cosmos, tomado aqui por tudo aquilo que extrapola a existência individual.

Os impulsos egoístas, selvagens e primitivos parecem conviver com a ânsia pela comunhão no humano, a expressão de si no âmbito do laço social. A comunhão não faz parte, à primeira vista, do raciocínio teórico desenvolvido por Freud. Mas no que mais poderia consistir na capacidade de realização e de fruição (Freud, 1912/2010), ou por vezes como ouvimos, a capacidade de amar e trabalhar, enaltecidas pelo campo analítico freudiano como um fim de análise satisfatório? São capacidades que envolvem o extrapolamento de si mesmo e a relação com o outro, pautados no melhor arranjo possível da subjetividade. Se a



comunhão é a finalidade, a luz no fim do túnel, Freud parece ter iluminado uma boa parte desse caminho².

A elucidação do pesquisador sobre os aspectos fundamentais do psiquismo humano parece, no entanto, ter-lhe ofuscado a possibilidade de ir adiante com o conteúdo que havia se revelado pelo seu método investigativo, a saber, a necessidade basal da espécie humana de ligações com o(s) outro(s) via laços de amor. O próprio Freud reconhece que sua obra de 1927 é um texto que escasso de fundamentos psicanalíticos, configurando uma posição pouco específica ante ao fato religioso (Morano, 2000/2008).

Ser amado é condição para ser humano. É a garantia da possibilidade de sustentação de si mesmo frente ao risco, ao desconhecido, inerente à existência – o amor é o fator próprio da humanização.

O pensamento de Pfister fundamenta-se no princípio evangélico que afirma que no amor não há medo (Morano, 2000/2008). Dialogando com tal perspectiva, notamos que o tratamento analítico oferta a possibilidade de se interromper o ciclo mortífero da repetição ao propiciar o espaço para a elaboração de conteúdos traumáticos, libertando a capacidade amorosa do sujeito dos aspectos que a restringem.

Experiência Subjetiva - da onipotência ao diálogo possível com a alteridade

Observamos que a possibilidade de manifestar o melhor arranjo possível da subjetividade no âmbito com o laço social é uma asserção contemplada pela direção do tratamento analítico. Esse aspecto não é, contudo, simples ou óbvio. Ao tratar da dinâmica psíquica, Freud já nos alertara, por exemplo, que o Eu pode ser medido segundo a idealização de aspectos que lhe são externos, e que são por ele introjetados (Freud, 1921/2011).

Diferentemente da identificação, a forma mais antiga de ligação afetiva com o outro, a idealização, cuja expressão é ilustrada pelo autor nos estados de enamoramento, remete o Eu a um constante estado de insuficiência. O Eu, nesse sentido, é configurado à semelhança daquele tomado por “modelo” (Freud, 1921/2011, p. 62), prescindindo, para tanto, de uma configuração que seja mais cara às suas idiossincrasias.

A idealização pode ocorrer nos mais diversos aspectos da vida humana. Do núcleo familiar às instituições, sejam elas religiosas ou científicas, as formas

² Este aspecto é trabalhado na dissertação de mestrado de Oliveira (2017).



rígidas de apreensão da experiência, marcam o empobrecimento do Eu, que se entrega ao objeto, colocando-o no lugar de seu mais importante componente, o ideal do Eu, tal como esse fenômeno é descrito por Freud (1921/2011). É a partir desse ideal unívoco que o Eu passa a se medir, configurando a etiologia dos aspectos neuróticos, visto que há, presente aí, um Eu enfraquecido, que se mede a partir da cristalização de determinados objetos externos que, por sua vez, se tornam suas referências de realização de si, tamponando, dessa forma, a sua expressão criativa.

Na religião, Freud colocou em xeque o que ele chamou de ilusão, calcada no desejo e no narcisismo humano, e que despreza a relação com a realidade, não se prestando à verificação (Freud, 1927/2006). Para Freud, a ilusão religiosa se entrelaça com a idealização de preceitos não científicos, com a finalidade de aplacar a angústia do desamparo humano fundamental. Ele aponta que:

O desamparo do homem [...] permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs. (Freud, 1927/2006, p. 26)

O contraponto ofertado por Freud à forma ilusória de existência é o trabalho científico, "única estrada que nos pode levar a um conhecimento da realidade externa a nós mesmos" (p. 40). Ele reitera:

Afastando suas expectativas em relação a um outro mundo e concentrando todas as energias liberadas em sua vida na Terra, provavelmente conseguirão alcançar um estado de coisas em que a vida se tornará tolerável para todos e a civilização não mais será opressiva para ninguém. (Freud, 1927/2006, pp. 57-58)

Freud relaciona o avanço científico a relações menos opressivas, aspecto que, mais tarde, ele vai ressignificar ao testemunhar horrores das grandes guerras mundiais. Pfister já naquela época, contudo, descolore a pretensa neutralidade e objetividade atribuída à ciência ao ressaltar o lugar do desejo humano que é seu pano de fundo. Há aí presente o risco de se tratar a ciência com a mesma ilusão que se condena na vida religiosa, a ilusão da onipotência, pois nada parece remeter mais ao infantil do que tal posicionamento, que implica a evitação ou a negação da castração. A onipotência tende, assim, ao não reconhecimento da castração, que por sua vez é o aspecto fundante da possibilidade de manutenção do laço



social (Freud, 1913/2012). A castração é vivida, então, enquanto uma ameaça que deve ser rechaçada de alguma maneira para que o Eu sobreviva.

Nesse sentido, a expectativa quanto ao domínio completo do trabalho científico acerca da realidade parece tão ilusória quanto os aspectos religiosos apontados por Freud, tendo em vista, inclusive, o tanto que o cientificismo avançou até o momento em direção às perguntas fundamentais do humano – sua origem, seu sentido e seu fim. A idealização do domínio científico pode promover a perda da crítica sobre a realidade, e a ciência, nesse caso, passa a um lugar onipotente, recalçando, para tanto, a limitação de seu método.

O diálogo com a alteridade convoca a abertura à diferença. O psicanalista em seu ofício se abre à alteridade de seu analisando; aquele atribui a este o saber sobre o seu sofrimento, o que não implica, obviamente, que eles ocupem as mesmas posições no dispositivo analítico. O saber técnico e teórico se alia ao saber de determinada história de vida, visando promover uma experiência de si mesmo menos atravessada pelo sofrimento.

Nesse quesito, Pfister pode ser considerado excêntrico. O pastor extrapolou a teologia e, além do marcado interesse pelas artes, literatura e filosofia (Pfister, 1928/2003), dedicou-se a estudar psicanálise, a praticá-la e a estendê-la para além de seu campo de origem, integrando-a à pedagogia. Foi também um dos responsáveis pela divulgação das ideias psicanalíticas na Europa e nos Estados Unidos, além de ter escrito um extenso legado teórico (Morano, 2000/2008).

Ele garante o lugar da diversidade do conhecimento humano, tal como observamos em sua resposta a Freud, ao afirmar, “é necessária máxima cautela, para que de modo algum exijamos de outros campos o que não temos em nosso próprio, e acusemos outros daquilo que nós mesmos praticamos” (Pfister, 1928/2003, p. 33).

Lembremos, junto ao psicanalista-pastor, que na ciência temos o acesso à realidade através de nossos sentidos, de abstrações, que estão longe de serem salvas do equívoco. Ele questiona: “não representa simplesmente um dogmatismo negativo declarar, por decisão arbitrária, que não existem uma vontade e um sentido universais?” (Pfister, 1928/2003, p. 46). Se é, portanto, para se guiar unicamente pelo método científico, que por ele se construa novos argumentos consistentes e fundamentados, e não pelo simples uso de um ‘dogmatismo negativo’, que reafirma de forma incessante a insuficiência de outros campos. Essa é uma das facetas da crítica de Pfister ao tratado freudiano, que, nessa linha argumentativa, troca uma ilusão por outra que lhe é mais digerível.

Ademais, o que fazer com a dimensão afetiva em um quadro de desenvolvimento humano estritamente positivista, que vislumbra a primazia



absoluta do intelecto? Freud chamou a nossa atenção para a importância fundamental dos afetos na experiência da subjetividade. Isso sem contar os aspectos da arte, da ética e da moral, inalcançáveis para uma mente que se propõe exclusivamente intelectual.

A vida moral, por exemplo, “nunca foi alcançada mediante teorias áridas e conceitos inteligentes. Negar esse fato representaria uma censura da pior espécie” (Pfister, 1928/2003, p. 52). O que escapa ao método científico não pode ser negado ou aniquilado, mas acolhido em sua inteireza como alteridade. É preciso, então, reconhecer as limitações do alcance de seu saber, pois as diversas facetas do conhecimento humano são perspectivas sobre um determinado fenômeno. Na visão do pastor, o mesmo se daria com a religião:

Uma religião esclarecida só pode surgir do *entrelaçamento harmônico entre fé e ciência*, a partir de uma mútua interpenetração entre o pensamento de desejo e o pensamento realista, na qual, entretanto, o conteúdo do pensamento do real não pode sofrer nenhuma falsificação da realidade e das suas correlações. Desejos que não passam pela crítica da realidade seduzem à estultícia, ao engano e ao delírio e impelem muitos à ruína. Vida sem desejo é morte secreta. A verdadeira vida floresce a partir do casamento entre pensar e desejar. Sem pensamento perde o olhar; sem desejos perde o movimento volitivo (Pfister, 1928/2003, pp. 54-55, grifos do autor).

Pfister sustenta a possibilidade de um ‘entrelaçamento harmônico’ entre campos aparentemente distantes. Ele afirma que cristãos e psicanalistas lutam contra o mesmo inimigo, a saber, a tendência neurótica à angústia; é o amor que liberta da angústia (Morano, 2000/2008). Permanece, dessa forma, ao lado do incrédulo Freud, que, a despeito das controvérsias, prossegue junto ao amigo de forma entusiasmada, partilhando visitas, viagens, companhia em festividades e também, é claro, as produções teóricas. A partir desses aspectos, é possível depreender uma definição sobre o/a amigo/a: a alteridade com a qual é possível dialogar, trocar, se aproximar, se misturar e se separar, sem perder de vista o que é significativo à dimensão subjetiva de cada um.

O tratamento analítico contempla então os aspectos que o Eu deve trabalhar para manifestar a si, a sua vocação particular na dimensão do laço social, que não se realiza de forma estritamente intelectual. Não parece ser mera coincidência que, para Pfister:

a arte continua sendo o arauto bendito de profundos mistérios e preciosos tesouros, que escapam e escaparão aos óculos dos eruditos, um milagre que sacia almas famintas, uma mensagem de



paz do reino dos ideais, que nenhum punho de pensador jamais conseguirá derrubar, porque seguramente pertencem mais à verdadeira realidade que as materialidades palpáveis e demais falsificações dos sentidos. Eu necessitaria de exposições longas para elaborar essas ideias. Então caberia ao intelecto apenas o papel explicativo, que honra e serve ao gênio criador. (Pfister, 1928/2003, p. 50)

A arte parece representar a potência de manifestação e expressão do Eu que “sacia almas famintas”, “mensagem de paz do reino dos ideais”, que conecta os seres mediante suas especificidades e afinidades. A perspectiva de uma ligação transcendente possibilitada pela arte não exclui as exigências da existência palpável, ao contrário, esta é instrumento daquela, a sua matéria prima. A conexão com o outro é a condição para a fruição da transcendência, para a abertura a algo que ultrapassa o sujeito e que o inclui, necessariamente.

É com cautela e determinação que Pfister defende uma fé que dê margem ao livre pensar, que não seja uma mera reprodução automática, cega quanto ao seu sentido último. Ele acredita numa fé que liberta o sujeito, e que se difere, dessa maneira, da autoridade eclesiástica que busca a submissão incondicional e a subordinação dos humanos à Igreja (Morano, 2000/2008). O sentimento de fé é, então, calcado numa experiência amorosa que promove autonomia do sujeito em relação à sua existência.

Considerações Finais

A amizade entre Freud e Pfister revela que os projetos de onisciência cultivados pelas várias esferas do conhecimento humano tendem, quando não a fracassar, a restringir seu próprio campo de saber. Há que desfazer de certas amarras narcísicas para a troca com o outro. A amizade entre Freud e Pfister ilustra a possibilidade de intercâmbio de ideias e de expansão dos fundamentos psicanalíticos.

Lembremos que a resistência no encontro com o outro pode ter raízes na onipotência narcísica da primeira infância. Dentro dos aspectos aqui abordados, apontamos que a identificação de um sujeito com um único método de conhecimento pode promover idealizações, ilusões, visto que evita o contato com a castração, com a limitação de seu desejo e de suas possibilidades de alcance; efeitos centrais, no entanto, para a construção de sentido e de sustentação da dimensão coletiva.

Pfister reconheceu a importância e preservou os achados da investigação freudiana, e o fez com amabilidade suficiente para garantir a manutenção de seu



próprio lugar, sem abrir mão, em nenhum momento, da convicção que norteava suas identificações com os aspectos religiosos. Observamos inclusive, na sua argumentação, que preceitos básicos da psicanálise mantêm forte afinidade com alguns princípios religiosos e artísticos, tal como o lugar do amor na relação entre os membros de uma comunidade, bem como o papel da arte na vida psíquica dos sujeitos. Consideremo-los enquanto campos amigos da psicanálise. A amizade entre Freud e Pfister revela a importância da abertura à alteridade para a preservação de uma relação significativa para os envolvidos, a despeito das posições diversas. Aliás, é a própria diferença que promove a expansão de saberes distintos, norteados pela busca da verdade, o que pode ser vislumbrado, por exemplo, na relação analista-analisando. A expressão de si atrelada ao laço social, sustentada por um desejo ético e insubmisso, parece ser, portanto, a via possível da realização de uma existência significativa.

Referências

- Freud, S. (2006). A história do movimento psicanalítico (J. Salomão, trad.). Em S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIV, pp. 18-73). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006). O futuro de uma ilusão (J. Salomão, trad.). Em S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 15-63). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1927).
- Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (P. C. de Souza, trad.). Em S. Freud. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*: artigos sobre a técnica e outros textos. (Vol. 10, pp. 147-162). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização (P. C. de Souza, trad.). Em S. Freud. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. (Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu (P. C. de Souza, trad.). Em S. Freud. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. (Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu (P. C. de Souza, trad.). Em S. Freud. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*.

(Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1913).

Freud, S. & Pfister, O. (2009). *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. (K. H. K. Wondracek, D. Junge, Trad.). (E. L. Freud, H. Meng, orgs.). Viçosa: Ultimato.

Kupermann, D. (2019). *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni.

Kupermann, D. (2020). *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições*. São Paulo: Escuta. (Original publicado em 2014).

Morano, C. D. (2008). *Psicanálise e Religião: um diálogo interminável. Sigmund Freud e Oskar Pfister*. (E. Gontijo, trad.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 2000).

Pfister, O. (2003). A ilusão de um futuro – um embate amigável com o prof. Dr. Sigmund Freud. Em K. H. K. Wondracek (org.). *O futuro e a ilusão - um embate com Freud sobre psicanálise e religião: Oskar Pfister e autores contemporâneos*. (pp. 17-56.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1928).

Oliveira, A. P. V. M. (2017). *Amizade e psicanálise: o cuidado de si no encontro com a alteridade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Notas sobre os autores:

Daniel Kupermann é Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e docente do departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: danielkupermann@gmail.com

Ana Paula Vedovato Marques de Oliveira é mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: vedovato.ana@gmail.com

Data de submissão: 19.08.2021

Data de aceite: 12.03.2022